

País não recuará na renegociação

~~Dívida Externa~~
RIO

AGÊNCIA ESTADO

6 DEZ 1986

O Brasil não mudará sua posição com relação ao Fundo Monetário Internacional (FMI) durante as negociações com o Clube de Paris, que deverão estar concluídas no final deste mês ou até janeiro próximo. A informação foi prestada ontem, no Rio, pelo diretor para dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas. Ele acrescentou que essa decisão já foi devidamente esclarecida pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e pelo próprio presidente da República.

Pádua Seixas disse que não há interesse do Brasil de retardar ou antecipar essas negociações e que, no acerto da

dívida com o Clube de Paris, só será aceito o sistema de consultas periódicas, determinação contida no artigo 4º do convênio firmado com o FMI.

Segundo Pádua Seixas, os atuais níveis das reservas cambiais brasileiras "não podem ser considerados motivo para pânico". Isso porque a política de minidesvalorizações do cruzado e os depósitos em moeda estrangeira feitos pelos exportadores no Banco Central são suficientes para compensar as perdas de reservas.

Na sua opinião, esses motivos desaconselham qualquer prática de maxidesvalorização ou de centralização do câmbio, ao mesmo tempo em que criam fatores positivos para garantir uma negociação com êxito em Paris. "Não há

falta de liquidez nas nossas reservas, razão pela qual não admitimos a hipótese de insucesso na negociação com o Clube de Paris."

O diretor do Banco Central disse, também, que a moratória não é a solução para problema de dívida externa, só aplicável quando em caso de impasse generalizado.

O "Brazil Fund", projeto brasileiro destinado a atrair capitais do Exterior para aplicação em bolsas de valores, é inviável enquanto o Brasil não encaminhar a solução de sua dívida externa. A afirmação foi feita ontem, no Rio, pelo diretor da Corporação Financeira Internacional (CFI), Everett Santos. A CFI é ligada ao Banco Mundial e ao FMI.

ESTADO DE SÃO PAULO